



LAPA SÃO VICENTE I

Município: SÃO DOMINGOS (GO)

COORDENADAS DA ENTRADA PRINCIPAL (SUMIDOURO): UTM 23 353102 - 8497541

PROJEÇÃO HORIZONTAL: 10.130 M

DESNÍVEL: 140 M

NÚMERO DE CADASTRO: GO 005

ROCHA: CARBONATOS do GRUPO BAMBUÍ

Leandro Dybal Bertoni

(leandro@dybal.eti.br)

Fundação Brasileira de Documentação Subterrânea

Dentre os diversos rios que formam sistemas de cavernas ao atravessar a lente calcária na região de São Domingos (GO), um deles se destaca pelo seu volume: o Rio São Vicente.

Com vazão aproximada de 5 m³/s na estação seca, é dos mais caudalosos rios de caverna do Brasil. Lapa São Vicente I é a gruta mais a montante do sistema associado ao Rio São Vicente e é onde, através de suas cachoeiras e corredeiras, o volume do São Vicente assume para o espeleólogo dimensão real, imponente, impiedosa, aterrorizante e, para alguns, desafiante.

Como os demais sistemas da região de São Domingos, a exploração da São Vicente começou no início da década de 70, no caso da São Vicente através do Clube Alpino Paulista (CAP). Até o final da década de 80 os trabalhos de exploração, via sumidouro, prosseguiram lentamente devido às dificuldades impostas pelo Rio São Vicente nesse trecho de desnível mais acentuado da gruta. O maior obstáculo à exploração era a Cachoeira 6, denominada “Garganta do Diabo”, com cerca de 15 m de queda. Este trecho foi finalmente ultrapassado por expedição franco-brasileira coordenada pelo CAP em 1987. No mesmo ano, o prosseguimento da exploração do Abismo da Ponte da Craibinha, descoberto no ano anterior, permite atingir a galeria do Rio São Vicente, fornecendo novo e mais fácil acesso à exploração do sistema. Em 1991, com equipes trabalhando a partir da Ponte da Craibinha e do sumidouro, a conexão é estabelecida. Os trabalhos neste período de duas décadas foram coordenados por Max Haim e Peter Slavec, do CAP, com participação de espeleólogos argentinos, franceses e italianos e se concentraram em sua maior parte na galeria do rio. Em 1995, a União Paulista de Espeleologia (UPE), da qual faziam parte os espeleólogos anteriormente do CAP que ainda estavam ativos, organiza uma expedição para o Sistema São Vicente, resultando na exploração e mapeamento de diversas galerias na São Vicente I, descobrindo nova entrada, a Boca Eslovena, 4 horas de marcha a montante da Ponte da Craibinha. Durante o tratamento dos dados dessa expedição foram descobertos problemas com o alinhamento da galeria do rio no mapa de 1991 do CAP. Concluiu-se pela impossibilidade de posicionar com precisão as galerias superiores topografadas devido ao pouco detalhamento do citado mapa. É tomada a decisão de, aos poucos, remapear a gruta, adotando-se metodologia

mais rígida, de modo a eliminar erros grosseiros, além de buscar maior detalhamento no croqui. Esta nova fase é iniciada em 1998, com a retopografia da galeria do rio, e ao longo dos vários pontos de acesso à Boca Eslovena, e prossegue, em 1999, com a topografia das galerias e salões superiores juntos à mesma. Ainda em 1999, Roberto Brandi, então na UPE, convida o Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas para uma expedição com o objetivo de efetuar a travessia da São Vicente I, tarefa em que são bem sucedidos, trazendo de volta nova topografia da galeria do rio no seu trecho mais acidentado. Em 2000 o Grupo Bambuí faz a ligação da Lapa do Passa Três com a São Vicente I.

Com a ligação da Passa Três com a gruta principal, o potencial de exploração na São Vicente I se desloca para a possível conexão com Lapa do Couro D'Anta, a jusante, e a exploração de outras galerias e salões superiores ao longo de praticamente toda a galeria do rio, o que vem sendo feito à medida que o remapeamento da galeria do rio avança.

A Lapa São Vicente I possui cerca de 9 km de galerias de rio. Além do sumidouro, conta com mais duas entradas conhecidas, o Abismo da Ponte da Craibinha, a cerca de 800 m do sifão terminal, e a Boca Eslovena, pouco menos de 2 km a montante da Craibinha. No seu primeiro terço, a galeria do rio conta com a presença de inúmeras cachoeiras e corredeiras, mas mesmo no trecho final com menor declividade mantém correnteza respeitável. Próximo ao final do trecho encachoeirado, temos o único afluente de porte, o Passa Três. O segundo terço da galeria do rio se caracteriza pela presença de amplos salões ao nível do rio. No terço final, esses salões se reduzem a estreitos patamares de difícil locomoção, ou mesmo a trechos onde o rio ocupa toda a largura da galeria. Esta descrição refere-se ao período de seca. Não há informações concretas sobre a vazão ou sobre a elevação do nível do rio nos diversos condutos durante o período das chuvas.

A Lapa São Vicente I possui rica fauna, destacando-se os peixes troglomórficos *Eigenmannia vicentepelaea*, *Trichomycterus* sp. e *Ancistrus cryptophthalmus*. A caverna encontra-se em bom estado de preservação, tendo sido pouco visitada. Situada dentro do Parque Estadual de Terra Ronca, tem visitação controlada, não estando atualmente aberta ao turismo.

O Rio São Vicente, com sua vazão de 5 m³/s na seca e suas inúmeras cachoeiras, barrou diversas equipes de exploradores durante mais de 20 anos.



Bibliografia

Auler e Rubbioli (1996), Bertoni (1995b,c,d,e,f), Bertoni (1996a), Bertoni e Taylor (1998), Bexiga (1975), Brandi (2000c), Chaimowicz (2000), Guyot et al. (1996), Guyot et al. (1997), Le Bret (1976), Le Bret (1991), Le Bret (1995b), Milko (1978), Padovan (1990), Pastorino et al. (1996), Rubbioli (1989b), Rubbioli e Brandi (2000), Slavec (1989), Slavec (1994), Slavec (1995), Slavec (1996), Taylor et al. (1998), Zílio (1989).



